

EUA aceitam prorrogar os créditos por mais um ano, mas europeus têm dúvidas

15 JAN 1986

O GLOBO

RÉGIS NESTROVSKI
Especial para O GLOBO

NOVA YORK — Os grandes bancos norte-americanos concordam em prorrogar por mais um ano as linhas de financiamento comerciais (para o exterior) e os créditos interbancários, embora ainda não tenham se pronunciado sobre a taxa de risco, o spread. O grande problema são os bancos europeus e canadenses, que aceitam uma prorrogação de apenas 90 dias ou, no máximo, por 180 dias.

A informação foi dada ontem, nesta cidade, ao GLOBO por uma fonte bancária norte-americana. A fonte, analisando as possibilidades de ser feita uma prorrogação de um ano, acredita que há 40 por cento de chance de isso acontecer. "Mas há possibilidades de as negociações com a missão brasileira se prolongarem além da data prevista, sexta-feira, para tentar

encontrar um prazo intermediário. Acredito, no entanto, que no fim o prazo será mesmo de 180 dias e o spread não mudará, ficando 2,15 por cento acima da libor", disse a fonte.

O Presidente do Banco Central, Fernão Bracher, que desde ontem cedo vem sendo auxiliado pelo Diretor da Dívida Externa do BC, Antônio de Pádua Seixas, passou o dia mantendo contatos com banqueiros credores do Morgan Guaranty Trust e o Bankers Trust. De acordo com Bracher, o coordenador da dívida externa brasileira nos Estados Unidos, William Rhodes, já recebeu o telex do Diretor-Gerente do Fundo Monetário International (FMI), Jacques de Larosière, mas não comentou o que ele dizia.

Uma outra fonte bancária, no entanto, disse que o telex apenas informa que o FMI tomou conhecimento e analisou o programa brasileiro. "O Fundo não dá sinal verde ou de qualquer outra cor. Ele

está fora disso, apenas analisa", explicou a fonte. O Citibank, por sua vez, do qual Rhodes é Diretor, não quis confirmar ontem o recebimento do telex.

Entretanto, de acordo com a agência de notícias Associated Press, o comitê dos banqueiros credores do Brasil disse que não sabe de nenhuma limitação do FMI ao programa brasileiro para 86. Outro serviço informativo, Dow Jones, especializado em economia, tem nova versão para a questão e diz que banqueiros ingleses afirmam que o Fundo impôs limitações para aprovar o programa brasileiro.

Essa questão passará a ser decidida na quinta-feira, quando a equipe de Bracher conversará com Rhodes. A missão não é fácil e os bancos ingleses e canadenses dificilmente acompanharão os grandes bancos norte-americanos, que não precisam do aval do FMI para renegociar. Mas o Brasil tem um trunfo: tem pago os juros em dia.